

REDACTORES:

Cecilio J. Carneiro
João Marques de Castro



Director — GIL SPILBORGHES



ANNO I

Periodico literario,
humoristico e noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 24 de Agosto de 1933

Redacção:
Avenida Dr. Arnaldo

N.º 4

Prof. Jayme Arcoverde de A. Cavalcanti

Foi ha quatro annos atraz, si bem me lembro, que vi e conversei com o dr. Cavalcanti pela primeira vez.

Era então calouro e tímido, e foi a convite dum collega do 2º anno que me aventurei galgar as escadas barulhentas da nossa antiga Escola, onde no andar superior estavam installados os laboratorios de physiologia. Logo na sala de entrada, deante de uma mesa comprida, enfrente de um bico de Bunsen, entre os dedos uma pipeta, vi um moço sympathico que com uma technica invejavel, digna mesmo dos mestres, fazia nascer da pipeta um instrumento qualquer, do qual necessitava para proseguir sua pesquisa; instrumento que o laboratorio no momento não tinha. Acerquei-me delle, curioso, cheio de admiração e respeito dignos dum calouro que era. E o moço sem que eu pedisse foi me ensinando, como si conversasse com um amigo, palestrando naturalmente, sem emphase e phrases rebuscadas, o porque das mil e uma coisinhas duma boa technica. E deu-me uma verdadeira aula, sempre conversando, sobre o assumpto do qual tratava no seu trabalho. Fiquei deslumbrado deante da simplicidade daquelle moço que me tratava como si fosse um amigo. Foi esta a melhor impressão que tive até hoje da Escola e a mais grata. No dr. Cavalcanti encontrei o verdadeiro professor. Que ensina como quem conversa, que prende a atenção sem a gente querer.

Essa impressão tão profunda foi, que até hoje ainda a guardo como si fosse de hontem, tão nova ainda a sinto.

Depois os mezes vieram chegando e foram passando. No 2º anno as suas aulas praticas eram uma palestra, na qual os alumnos sempre ficavam e trabalhavam a vontade. E assim durante dois annos, pois naquelle tempo a physiologia era dada no 2º e 3º annos, tivemos uma convivencia prolongada com o dr. Cavalcanti, augmentando ainda mais em mim a admiração que por elle já sentia.

O tempo continuou a passar. As horas montadas nos ponteiros dos relógios, foram envelhecendo, tornando-se dias e estes, arrancados um a um das folhinhas, formaram montes de mezes que se juntaram todos para dizer a todo o mundo que quatro annos haviam passado.

Quatro annos! Quanta transformação em S. Paulo! Quanta mudança em nossa Escola. Directores que sahiram. Directores que entraram. Metamorphose geral da Faculdade que sahindo da pupa feia da sua antiga morada, transformou-se no predio sumptuoso e bello do Araçá.

A evolução continuava... E um dia chegou-nos a noticia num telegramma laconico de jornal, que o professor Milward, morrera. O maior amigo dos seus alumnos, si bem, que as vezes mal comprehendido.

Vagou-se dessa forma a cadeira de Chimica Physiologica.

E da bocca de todos os alumnos um nome só se ouvia, como que numa prece, augurando felicidades ao dr. Cavalcanti, no concurso que a Escola abria para o preenchimento da cadeira vaga, e no qual se inscrevera.

Para substituir o professor Milward, sabio, modesto, simples, ninguem mais apontado, ninguem mais desejado, pela



Prof. Jayme Arcoverde de A. Cavalcanti

sua bondade, pela amabilidade no trato com os alumnos, pela sua competencia comprovada no concurso, pelo seu valor scientifico e profunda cultura, pelo seu amor á tudo que se relaciona á sciencia chimica, sinão dr. Cavalcanti.

Veio o concurso, a expectativa augmentava dia a dia. Provas escriptas, e pelos corredores da Escola era aquella torcida...

Na prova oral, lembro-me bem, não quiz assistil-a. Fiquei torcendo de longe. Que bobagem a minha de torcer. Não era preciso, o dr. Cavalcanti venceria na certa, como de facto venceu. E por votação unanime da Commissão de Concurso.

Foi nomeado professor. Cumprimentei-o um dia, na Escola, num dos seus saguões magestosos. E que desillusão. Era ainda o mesmo, tive até a impressão de não ser o professor Cavalcanti que eu havia cumprimentado e dado os meus parabens. Não mudou nada. A mudança que se operou na sua carreira, que de assistente passou a ser professor não o impressionou, como si o facto de isso se dar, fosse a coisa mais natural deste mundo. Em nada o modificou. E da minha desillusão surgiu este raciocinio; assim são os verdadeiros homens de sciencia. Na apparencia, um homem como os outros, modesto, simples, mas na cultura, um sabio. Por isso em nada mudou. Vaidade é peculiar a espiritos tacanhos e cerebros poucos desenvolvidos.

Lembrei-me então mais uma vez do professor Milward, que a estas horas pensando philosophicamente entre as suas cinzas, deve achar que nunca poderia ter melhor continuador na cathedra que occupou com o brilho in-

vulgar da sua intelligencia, escondido usurariamente na sua modestia de sabio.

Fazendo parte do corpo docente da Escola, a Congregação mais se illustra e os alumnos ganharam um amigo e um professor como poucos sabem ser.

A sua carreira estudiosa é uma luz brilhante que jamais se enfraqueceu e que continuará a illuminar mais ainda a sciencia de S. Paulo.

Os dados abaixo bem demonstram o valor do mestre que tão moço, soube galgar uma posição invejavel no scenario scientifico de S. Paulo e do Brasil, estribado no seu valor e na sua estudiosa mocidade de jovem cientista.

O prof. Dr. Jayme Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti nasceu em S. Paulo, aos 8 de janeiro de 1890, filho do Dr. Antonio Francisco de Albuquerque Cavalcanti e de Da. Angelica de Ulhôa Cavalcanti. Iniciou seu curso secundario no Collegio Hydecroft de Jundiaby, em 1909. Transferindo-se para o Collegio S. Luiz de Itu, em 1911, onde se diplomou. Em 1918 matriculou-se na Faculdade de Medicina de S. Paulo, onde após brilhante curso se doutorou, defendendo these sobre o seguinte tema: "Soro-reacção de Wassermann para diagnostico da tuberculose activa", aprovada com distincção. Em dezembro de 1925 seguiu em commissão de estudos para os Estados Unidos, a convite da Fundação Rockefeller. Trabalhou com os Profs. E. Kohler, na Faculty of Arts and Sciences de Harvard University e Otto Folin, da Faculdade de Medicina da mesma universidade, sendo por este ultimo nomeado para o cargo de membro pesquisador do Laboratorio de Chimica Biologica da Universidade de Harvard. De volta dos Estados Unidos exerceu os cargos de assistente, de Chimica Organica e Biologica, Physiologica e de Chimica Physiologica, desta Faculdade. Com o fallecimento do pranteado professor Guilherme Milward, vagando-se a cathedra de Chimica Physiologica, inscreveu-se no concurso para seu preenchimento. Depois de memoraveis provas, conquistou essa cathedra, por votação unanime da Commissão de Concurso. Foi nomeado professor por decreto de 13 de junho p. passado, tomando posse perante a Congregação em 20 do mesmo mês. Grande numero de trabalhos originaes possui o Prof. Cavalcanti; entre elles merecem ser citados os seguintes: "Dosagem da uréa no sangue pelo methodo da hidrólise em alta temperatura"; "Novo micromethodo da dosagem da uréa no sangue"; "Um novo typo de electrometro capilar"; "Do calculo do pH no sistema quinhidrona-calomelanos" etc.

Foi orientador de diversas theses de doutoramento como as dos drs. Ari Bastos Siqueira, Henrique Arouche de Toledo, Dorival da Fonseca Ribeiro, José Elias de Moraes, Oscar de Moura Abreu, Sebastião de Paes e Alcantara e Tito Arcoverde Cavalcanti, preparando para muitas dellas diversas substancias chimicas syntheticas não existentes em S. Paulo.

Foi o primeiro professor de Chimica do curso premedico e tomou parte na commissão de exame vestibular, como examinador de Chimica.

Prof. Luciano Gualberto

O corpo docente da nossa Faculdade acaba de receber entre os seus membros uma personalidade de relevo nos meios clinicos de S. Paulo. Trata-se do dr. Luciano Gualberto que, pelos seus dotes de intelligencia e distincção, logrou alcançar grande sympathia entre os seus collegas e admiradores. Eleito, após bellissimo con-



Dr. Luciano Gualberto

curso, para occupar a cathedra de Clinica Urologica, de que ha pouco tomou posse, recebeu com isso a homenagem devida aos seus meritos e aos brilhantes successos da sua carreira.

Aqui fica, por intermedio do "Bisturi" o cumprimento dos alumnos ao novo mestre.

Explicando

Com o fim de elucidar certas duvidas, a respeito duma photographia que serviu para certos jornaes explorarem o assumpto, photographia na qual alguns membros do C. A. O. C. estavam em companhia do prefeito tenente-coronel Oswaldo Costa, no gabinete do mesmo, transcrevemos o officio vindo daquelle gabinete:

"Em 8 de Julho de 1933.
Dr. Paulo da Silva Gordo
D.D. Presidente do Centro Academico Oswaldo Cruz.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que o Snr. Prefeito já deu ordem á Directoria de Obras para providenciar a collocação do gramado, devendo esse ser executado na proxima semana.

Outrosim, é necessario que venha a este Gabinete um representante para tratar da entrega dos filtros.

Aproveitando a oportunidade reitero os meus protestos de alta estima e consideração,
José Loyolla d'Almeida, Auxiliar de Gabinete"

Explicamos: quando era prefeito

da Capital o dr. Theodoro Ramos, ao mesmo foi endereçado um officio fazendo o pedido do filtro.

Tendo deixado Prefeitura, assumiu o cargo de tenente-coronel Oswaldo Costa. Este foi que então nos mandou o officio acima.

Outro ponto, mandando-nos o filtro, o tenente-coronel Oswaldo Costa ficou com o direito de ser socio remido, como prescrevem os estatutos do Departamento Esportivo do C. A. O. C. que diz: "toda a pessoa, cuja ddiva exceda 500\$000, tem direito a uma caderneta de socio remido. Foi essa caderneta que então prefeito recebeu da directoria do nosso Centro. Ficou dessa maneira, figurando como socio remido do Departamento Esportivo do C. A. O. C.

E nada mais.

O Centro Academico Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro

Esteve na Capital Federal durante as ultimas férias de inverno uma comissão representante do Centro Academico Oswaldo Cruz, composta dos academicos Paulo de Camargo, Luiz Baptista, Carlos Vieira de Moraes, Licinio Hoepfner Dutra e Emile Zola Pereira Mendes.

Esta comissão seguiu áquella Capital com o fim de conseguir do sr.



Licinio H. Dutra, Carlos Vieira de Moraes e a Directoria do Tijuca Tennis Club

Guilherme Guinle um auxilio destinado á Liga de Combate á Syphilis que se encontrava em prementes condições financeiras. Entretanto, lá chegando, os academicos desdobraram as suas actividades: Não só trataram do caso da Liga, como também desenvolveram uma intensa propaganda da organização do Centro Academico.

O fim primordial da viagem foi conseguido. O illustre philanthropo sr. Guilherme Guinle, abriu o "Livro de Ouro da Liga de Combate á Syphilis" com a importancia de cinco contos de réis.

Sob todos os pontos de vista foram muito proveitosos os resultados obtidos pela intensa campanha movida em favor do Centro, tornando-o conhecido nos meios scientificos e estudantinos. As entrevistas e noticias, illustradas com photographias, graphics e estatisticas, publicadas nos principaes diarios do Rio, demonstraram claramente a actual organização do C. A. O. C. Nessas noticias foi salientado o valor dos diversos departamentos deste.

Durante a estadia no Rio, a Comissão visitou diversos estabelecimentos scientificos e centros intellectuaes, entre os quaes, sobresaem os seguintes: Fundação Graffée-Guinle, Instituto Oswaldo Cruz, Santa Casa, Centro Paulista, Casa do Estudante do Brasil, etc.

Numa das visitas feitas á Fundação Graffée-Guinle, o seu director dr. Gilberto de Moura Costa, offereceu á Liga de Combate á Syphilis, uma colleção completa dos annaes da Fundação.

A convite dos illustres jornalistas, dr. Oscar Costa e sr. João Luso, ambos do "Jornal do Commercio", a comissão visitou os maiores centros esportivos do Rio, taes como: Fluminense, Tijuca Tennis Club e Jockey Club. Durante estas visitas os academicos entraram em entendimentos com o dr. Oscar Costa, Presidente do Fluminense sobre a possibilidade de levar uma caravana áquella Capital, por occasião do campeonato academi-

Foram iniciadas pela Comissão as demarches para a futura caravana que irá á Capital do Paiz. Esta irá com o fim não só de tomar parte no campeonato academico, como também de associar a uma solenne homenagem a ser prestada por um grupo de professores da Faculdade ao saudoso mestre dr. Guilherme Bastos Milward, collocando no seu jazigo uma placa de bronze que perpetue a sua memoria.

Na visita ao Tijuca Tennis Club, feita a convite do seu presidente dr. Heitor Beltrão, de que damos um cliché, os nossos representantes tiveram occasião de observar as modernas dependencias da melhor piscina do Rio.

A Comissão ficou muito sensibilizada com a amavel acolhida que te-

mas dinheiro as tornava melhores. Tinha dez annos, quando ao amanhecer dum dia de inverno lhe disseram que seu amo morrera de tanto beber absynto. Como legado de gratidão deixara-lhe os seus livros. Um dia ao abrir um desses livros encontrou uma carta. Era de sua mãe — seu amo era o seu... pae. Por isso seu amo gostava de absynto. Talvez o remorso o impulsionasse por uma força subconsciente para aquella bebida da mesma cor que os olhos verdes daquella mulher que elle desgraçara.

Passou-se tempo. Jogado no mundo aos dez annos procurou trabalho. Um padeiro deu-lhe serviço, pão e casa. Nas horas que se seguiam ao trabalho de retirar o pão do forno dormia. Às vezes lia. Sua imaginação

As columnas d' "O Bisturi" serão franqueadas a todos estudantes das Escolas Superiores do Brasil que endereçarem suas collaborações para á Av. Dr. Arnaldo, 1, onde se acha installada a séde do Centro Acadmico "Oswaldo Cruz", ou entregarem directamente aos redactores deste periodico.

Todos os artigos deverão ser assignados: assim como a assignatura não exclue pseudonymo, pseudonymo não exclue a assignatura.

O autor, será responsavel pelas opiniões emitidas.

A publicação de artigos assignados não significa communhão de idéas entre a redacção e o autor.

Visita á Penitenciaria



Vê-se na photographia, em companhia do prof. Flaminio Favero, o grupo de quintanistas que visitou a nossa Penitenciaria; notem a cara triste do pessoal, pois o relógio gastrico batia nesse momento as badaladas do almoço...

ve no Centro Paulista. Em amavel palestra, acompanhada de saboroso café, poz o Centro ao seu inteiro dispôr.

Taes foram, em linhas geraes, os principaes trabalhos desenvolvidos pela representação do C. A. O. C. no Rio de Janeiro.

CONTO PROLETARIO

Eduardo Maffei

Chamava-se Abel. Em creança, quando dera pela sua vida, vivia num quarto de porão, da casa do seu amo. Contaram-lhe uma historia. Era um engeitado. Sua mãe, victima da moral burgueza, e escrava dos instintos andara de casa em casa e de porta em porta, sem que ninguem lhe desse abrigo. Ninguem sabia do seu sentimento de mãe. Era uma desvergonhada, falavam. A familia burgueza se revoltava, sem ir buscar a causa daquella pseudo-immoralidade na pessoa de um rico burguez que a desgraçara. Disseram-lhe, muito mais tarde que a sua mãe era loira, alva e na hora da morte ainda os seus olhos guardavam o brilho penetrante de duas esmeraldas, que a tuberculose augmentára. Quando á encontraram, o engeitado estava enregelado e ella tinha nas mãos uma carta ao dono da casa e nos labios um riso de mofa para a injustiça dos homens. Desde então vivera em casa do seu amo. Mandaram-lhe á escola. Sempre fora um desgraçado. A professora chiq e elegante ensinara-lhe que se devia amar a patria e a familia. E a familia sobretudo porque ella era o esteio da patria. E ninguem o procurava porque elle não era familia. Porventura elle e sua mãe não constituíam uma familia? Sim. Mas sempre havia

procurou logo as coisas phantasticas. Leu então a "Machina do tempo" de Wells. O que o impressionou foi a luta entre os Eloes e Morlocks. Estes não passavam dos descendentes do proletario explorado de hoje. Aquelles eram os detentores da riqueza e do poder, especialistas em gosal-os. A burguesia de hoje. Em 1917 passava pela rua S. João e escondera-se atormentado pelo medo. Matracolejavam as metralhadoras. Depois... Muitos mortos sobre um cavallo, de botas esporas um homem que lhe disseram que era quem garantia a ordem da sociedade collocando os seus soldados sempre ao lado dos homens que exploravam outros homens. Mas fizera aquillo por ordem de um outro homem, que era o presidente. Este comungava todos os domingos. Era uma perola, diziam os padres. Era muito religioso e sabia que numa ceia Jesus ditara uma vez aos seus discipulos o decimo primeiro mandamento: "Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado". Um dia disseram ao engeitado que elle era explorado. Elle se revoltou. Então deram-lhe as obras de Marx, Engels, outros homens de super-visão e as leu. Capacitou-se que no mundo só haviam duas especies de homens: os que exploravam e os que eram explorados.

E o tempo continuou a rodar. Em 1930 fallaram-lhe duma revolução. O amigos dos Morlocks tinham-se revoltado contra os Eloes. Luiz Carlos Prestes vinha na vanguarda. 24 de outubro. Novembro e dezembro. Capacitou-se então que Eloes não podiam comer Eloes. Passaram-se dois annos. Passava um dia pela cidade e duas moças, vestidas de branco e preto, labios vermelhos, olhos sensuaes disseram-lhe para que fosse defender "S. Paulo".

entregaram-lhe uma saia pequenina dentro de uma caixinha branca e preta. Mais adiante haviam uns mocinhos, muito bonitos, barbudos, de farda lavada e engomada.

Coitados! Apesar de doentes prestavam serviços no M. M. D. C. Eram os heroes que ficaram em S. Paulo. Numa noite friorenta convidaram-no para ir ouvir o P. R. A. X. que transmitia lindos discursos da Ditadura. Foi.

Anunciaram um orador. Paulista, amigo de S. Paulo e do seu operariado. Eis as primeiras palavras: "Proletarios, eu que sempre enverguei a vossa blusa, e trabalhei convosco"... Abel riu. Aquella voz lhe era conhecida. Era de um homem que só usava camisas e lenços de seda. Era um empregado publico que fora promovido de S. Paulo para o Rio. Morava numa casa bonita e quando lhe levava o pão sempre ouvia uns desaforos. Como as coisas estavam mudadas... Saliu e encontrou com alguns camaradas. Desde esse dia militou. Pregava cartazes, boletins e bandeiras.

Prenderam-no. Meteram-no numa enxovia. Não comprehendeu principio. Mas não era um paradoxo? Elles porventura não defendiam a lei e a liberdade? Depois conseguiu fugir. Continuou pregando cartazes, boletins, bandeiras. O frio, a falta de alimentos e sobretudo aquellas pancadas que lhe deram na cadeia, em plena caixa thoraxica resonante como tambor, tornaram-no um tuberculoso. Um dia houve um comicio. Não era 1.º de Maio. O operario não tem dia para fazer propaganda de sua liberdade. Todo dia é dia. Fallava nessa occasião um orador. Eis que ha um reboliço. O orador cahe banhado em sangue por uma

Canção do Badalo

(Do livro "SONETOS" a sahir daqui a 2.000 annos)

I

Não chores "badalo";
Não chores que a vida
E' luta renhida;
Viver é "cavar"
Se o estudo é um combate,
Que aos "fundos" abate,
Ao "aço" ao "badalo",
Só pode exaltar.

II

Um dia "cavamos"!
Aquelle que é "aço"
Não teme um fracasso
(Do exame ir "ao páu"!)
E mesmo sem luxo
Tem certo um "cartucho",
Com todos os lentes,
Bondosos os máus.

III

O "fundo" ao "badalo"
As notas inveja,
Por vel-o no exame
Todo adulador,
Até os assistentes
Nas aulas mais "chatas"
Curvadas as fronte
Escutam-lhe a voz.

IV

Badala si em aula,
Si em ferias, descança,
Na doce esperança
De um anno feliz,
Cuidando do estudo
Badala, comtudo
Não rijas da "bomba"
Que "bomba" ha de vir.

V

E pois que és badalo,
Teus dias reveste;
N'um "sinus" nasceste,

Badalo serás.
Durante a aula toda
Sorri para o lente,
Pois que elle contente,
Boa nota terás.

VI

Tua fama de "aço"
Retumbe aos ouvidos
Dos lentes transidos
Por vil commoção;
Por isso na sala
Ou laboratorio,
Serás o exemplo
Da badalado.

VII

Assim os assistentes
De um grande cientista,
Querendo um exemplo
De "aço" dizer,
Teu nome lhes diga,
Que a turma do Artigas
Talvez não escute
Sem rir a valer!

VIII

Porém, se a fortuna
Trahindo teus passos
Te arroja nos laços
De um máu professor,
Na hora do exame
Teus "feitos" memora,
Toma "badalina"
Com todo o fervor.

IX

As armas ensaia,
Penetra na aula
Do "Fungo" ou do "Fóca"
Viver é "cavar"
Se o estudo é um combate,
Que aos "fundos" abate,
Ao "aço" ao "badalo"
Só pode exaltar!

DURAN.

DURAN: — Poeta épico do século XXXV A. C. Parente em linha curva de MATHUSALÉM. Autor de uma série de poemas entre os quaes o celebre poemeto em 458 cantos: "CORTE EM QUATRO E PENDURE". Formado pela Academia do Abax'ho Piques, onde apresentou a thése: "ENCERAMENTO DO ASSOALHO DO QUARTO VENTRICULO COM CÉRA DO OUVIDO" o que lhe valeu ser nomeado 1.º assistente de Juó Bananére.

um volumoso vazo de prata falsa occupará o pedestal vazio.

Os fascinoras serão ameaçados de expulsão.

O menino Claudino por ser o menos culpado será apenas admoestado severamente.

Metchnikoff.

REFUTANDO...

Tive o desprazer de lêr no ultimo "Bisturi" do semestre passado uma série de diatribes e injurias assacadas contra os annaes de nossa Escola. Ora, a materia dessa obra nada mais é do que o producto da actividade annual de nosso corpo docente. Portanto desfazer dos annaes é por em suspeita a capacidade scientifica do professorado desta Faculdade.

Mas não será esse acervo de idiosyncrasias que irá por em duvida a competencia de nossos mestres, competencia essa por todos reconhecida no paiz no estrangeiro.

Ergo aqui porém o meu protesto contra o inqualificavel procedimento desse ou desses individuos que debai-

xo do anonymato procuraram conspurcar o nosso trabalho scientifico annual.

Acho que todos os individuos que pensam commigo, devem admirar a attitudo nobre dos professores directamente atacados, impassiveis ante os desmandos desses inconscientes. Usarei por minha vez de pseudonymo para que (servindo-me de uma phrase d'aquelle infeliz artigo) não "seja acoimado de bajulador". Em outra circumstancia poria no fim do artigo por extenso, o meu nome que neste não apparecerá com um intuito nobre.

O mesmo não poderá dizer os factos daquelles improprios, que de baixo dos nomes de 2 grandes homens procurou se eximir do justo castigo que merecia seu gesto tão pouco nobre. Errou elle 2 vezes pensando que os professores criticados iriam se rebaixar a dar attenção áquelles ultrages, sou novato na Escola mas tenho consciencia do respeito devido aos superiores e por isso espero pelas columnas deste jornal uma resposta (si fôr possível haver) desse ou desses individuos

Um 1.º annista.

Athletismo

CAMPEONATO ACADEMICO DE ATHLETISMO

Um dos mais notaveis acontecimentos do anno athletico foi a realisacão do Campeonato Academico de Athletismo, disputado pela 6.ª vez nas pistas do Paulistano.

Acançou um completo triumpho, já pelo ardor verificado, já pelos optimos resultados technicos assim como a agradável torcida entusiasta em sua grande parte de elemento feminino.

Além das nossas escolas superiores, concorreram duas do Rio de Janeiro: a Faculdade de Medicina e Escola Polytechnica, com perfectos atletas, que vieram dar mais animação á lucta.

Nada menos de seis recordes da classe foram admiravelmente batidos. **Icaro de Mello**, pertencente á Escola Polytechnica de S. Paulo, no salto de altura bateu o recorde nacional com 1.870.

Farid Chede, da Faculdade de Medicina de S. Paulo, bateu o recorde dos 1.500 metros em 4'.23" e 4/10.

Heitor Medina, da Fac. de Medicina do Rio, arremessou o dardo a 54.860, batendo o recorde da classe.

Carmine di Giorgi, pertencente á nossa Escola Polytechnica, bateu os recordes do peso com 13.070, do disco com 37.490 e martello com 52.620.

O titulo de campeão de 1933 foi brilhantemente conquistado pela Escola Polytechnica, cujos elementos conquistaram lugar de remarcado destaque. Seguiu-se-lhe a turma da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro, com turma das mais adextradas. O resultado geral desse torneio foi o seguinte:

- 1.º — Esc. Polytechnica de São Paulo, com 45 pontos.
- 2.º — Fac. de Medicina do Rio, com 22 pontos.
- 3.º — Fac. de Direito de S. Paulo, com 21 pontos.
- 4.º — Esc. Superior de Mechanica Electricidade com 14 pontos.
- 4.º — Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, com 14 pontos.
- 5.º — Fac. de Medic. de São Paulo, com 13 pontos.
- 6.º — Mackenzie College, com 9 pontos.
- 7.º — Polytechnica do Rio, com 5 pontos.

Como vemos a nossa Escola muito tem que fazer ainda no Athletismo, esperando-se que com a inauguração de nossa pista possamos para o anno proximo levar uma turma bastante adextrada e mesmo concurrente sério ao titulo de campeão.

Bibliotheca medica

Recebemos ha dias o valioso trabalho do conhecido scientista americano S. Fields, intitulado: "Prophylaxia do botulismo pela abstinencia de conservas em latas"

Esse estudo ainda que bem feito apresenta trechos da mais alta ousadia como podemos verificar pelo que segue "... Quasi todas as conservas ao serem acondicionadas levam consigo o bacillus botulinus. O que acontece geralmente, é a fermentação dentro da lata, dos hydratos de carbono por conta da citada bacteria. A pressão interior augmentando, a lata bombeia. Si o individuo abre-a e logo depois come o conteúdo, nada lhe succede porque bacillo não pode preparar a toxina. Si porém o negociante vendo o acondicionamento abaulado, faz nele um furo para igualar a pressão interna com a externa, o botulino em contacto com ar produz a botulina — e o comprador será fatalmente envenenado"

Segue-se uma série de observações clinicas do autor procurando demonstrar com a crueza dos factos o que reprodizimos de seu trabalho.

Essa parte si bem que notavel é passivel d'uma ligeira critica a um pequeno erro que o sabio americano cometteu.

Como todos sabem, o b. botulinus é um anaerobio estrecto. Eis que S. Fields affirma no seu trabalho e já o disse n'uma aula da Faculdade de Medicina de St. Paul city na America, que com a lata fechada o dito bacillo fermenta os hydratos de C. mas não produz a toxina. Admittamos.

O que é admiravel é a formação da botulina pela entrada de ar no recipiente. Espantou-me bastante a idéa de um anaerobio estrecto só poder elaborar seu producto toxico em presenca do ar que fatalmente deve matalo ou na melhor das hypotheses inibi-lo. E' mais facil admittir que o cadaver do anaerobio se transforma na botulina. O sr. Fields adquirirá fatalmente, com a divulgacão de suas idéas sobre os enlatados, a inimidade dos grandes fabricantes de conserva. E' natural pois que a presenca do botulino nesses productos, só se poderá explicar por descuido nas fabricas. Acho tambem que abstinencia de conservas poderá servir para a prophylaxia do bolso (ellas andam muito caras) mas não para a do botulismo.

Afóra esses pequenos senões o estudo do notavel microbiologista é optimo.

Botulino.

SOCIAES

Como é do dominio publico, a séde de nosso Centro foi visitada ha dias por 3 terriveis meliantes que mais tarde soubemos serem Tito maluco, Hugo da Stronja Cardoso o saltador, os 2 primeiros com varias passagens pela secretaria da Escola e fichas anotadas na Medicina Legal. Serviu de vigia enquanto se consumava o horrendo crime, o conhecido menino-athleta Claudino Pitóco. Os criminosos com a habilidade infernal que os caracteriza, introduziram-se na nossa séde por uma porta que estava apenas encostada. Apoderaram-se do valiosissimo busto do finado Dr. Vieira de Carvalho e de 4 custosas taças de fino labor, e portivamente conquistadas ha muito tempo, num belchior da cidade. Transportado o fructo do furto para a Stronja (vehiculo amphibio do bandido Hugo) os fascinoras tomaram rumo até hoje ignorado. Logo após a descoberta desse acto de vandalismo, recorreu o C. A. Oswaldo Cruz aos serviços technicos do Departamento de Medicina Legal. Esse departamento veio pressuroso e encheu a sala refinada de fino carvão medico-legal. Retiradas mais de 1.000 impressões digitaes, chegou o corpo legista á conclusão de que o assaltante era o sr. Paulo da S. Gordo, sobrinho do busto e nosso presidente. Porém o vice-di-

to, sr. Paulo Camargo tendo notado que nas paredes um grande numero das impressões digitaes estava a pequenissima distancia do sólo, attribuiu muito sabiamente esses signaes ao menino Claudino que como todos sabem é de reduzida estatura apezar de muito forte.

Baratinada habilmente, a ingenua criança ainda não de toda corrompida pelos bandidos, contou na integra o repulsivo attentado assim como o nome dos autores. O sr. Paulo Gordo recebeu sinceras felicitações por se vêr livre do erro judiciario que já se esboçava ameaçador para sua olympica frente. O sr. Paulo Camargo foi bastante cumprimentado pelo seu furo policial. Voltando a alegria a reinar entre a massa olygarchica que governa nossos interesses, dirigimos um cordial agradecimento ao Departamento de Medicina Legal pelos relevantes serviços prestados durante os angustiosos transes passados pelo Centro Academico O. Cruz.

Podemos garantir que o busto do saudoso professor voltará inteiro para o nosso convivio como as taças cujo valor real foi uma decepção para os 3 malandros.

Durante a ausencia do monumento,

da Capital o dr. Theodoro Ramos, ao mesmo foi endereçado um officio fazendo o pedido do filtro.

Tendo deixado Prefeitura, assumiu o cargo o tenente-coronel Oswaldo Costa. Este foi que então nos mandou o officio acima.

Outro ponto: mandando-nos o filtro, o tenente-coronel Oswaldo Costa ficou com o direito de ser socio remido, como prescrevem os estatutos do Departamento Esportivo do C. A. O. C. que diz: "toda a pessoa, cuja divida exceda 500\$000, tem direito a uma caderneta de socio remido. Foi essa caderneta que então prefeito recebeu da directoria do nosso Centro. Ficou dessa maneira, figurando como socio remido do Departamento Esportivo do C. A. O. C.

E nada mais.

O Centro Academico Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro

Esteve na Capital Federal durante as ultimas férias de inverno uma comissão representante do Centro Academico Oswaldo Cruz, composta dos academicos Paulo de Camargo, Luiz Baptista, Carlos Vieira de Moraes, Licinio Hoepfner Dutra e Emile Zola Pereira Mendes.

Esta comissão seguiu áquella Capital com o fim de conseguir do sr.



Licínio H. Dutra, Carlos Vieira de Moraes e a Directoria do Tijuca Tennis Club

Guilherme Guinle um auxilio destinado á Liga de Combate á Syphilis que se encontrava em prementes condições financeiras. Entretanto, lá chegando, os academicos desdobraram as suas actividades: Não só trataram do caso da Liga, como também desenvolveram uma intensa propaganda da organização do Centro Academico.

O fim primordial da viagem foi conseguido. O illustre philantropo sr. Guilherme Guinle, abriu o "Livro de Ouro da Liga de Combate á Syphilis" com a importancia de cinco contos de réis.

Sob todos os pontos de vista foram muito proveitosos os resultados obtidos pela intensa campanha movida em favor do Centro, tornando-o conhecido nos meios scientificos e estudantinos. As entrevistas e noticias, illustradas com photographias, graphics e estatisticas, publicadas nos principaes diarios do Rio, demonstram claramente a actual organização do C. A. O. C. Nessas noticias foi salientado o valor dos diversos departamentos deste.

Durante a estadia no Rio, a Comissão visitou diversos estabelecimentos scientificos e centros intellectuaes, entre os quaes, sobresaem os seguintes: Fundação Graffée-Guinle, Instituto Oswaldo Cruz, Santa Casa, Centro Paulista, Casa do Estudante do Brasil, etc.

Numa das visitas feitas á Fundação Graffée-Guinle, o seu director dr. Gilberto de Moura Costa, offereceu á Liga de Combate á Syphilis, uma colleção completa dos annaes da Fundação.

A convite dos illustres jornalistas, dr. Oscar Costa e sr. João Luso, ambos do "Jornal do Commercio", a comissão visitou os maiores centros esportivos do Rio, taes como: Fluminense, Tijuca Tennis Club e Jockey Club. Durante estas visitas os academicos entraram em entendimentos com o dr. Oscar Costa, Presidente do Fluminense sobre a possibilidade de levar uma caravana áquella Capital, por occasião do campeonato academi-

Foram iniciadas pela Comissão as demarches para a futura caravana que irá á Capital do Paiz. Esta irá com o fim não só de tomar parte no campeonato academico, como também de associar a uma solemne homenagem a ser prestada por um grupo de professores da Faculdade ao saudoso mestre dr. Guilherme Bastos Milward, collocando no seu jazigo uma placa de bronze que perpetue a sua memoria.

Na visita ao Tijuca Tennis Club, feita a convite do seu presidente dr. Heitor Beltrão, de que damos um cliché, os nossos representantes tiveram occasião de observar as modernas dependencias da melhor piscina do Rio.

A Comissão ficou muito sensibilizada com a amavel acolhida que te-

mas o dinheiro as tornava melhores. Tinha dez annos, quando ao amanhecer dum dia de inverno lhe disseram que seu amo morrera de tanto beber absynto. Como legado de gratidão deixara-lhe os seus livros. Um dia ao abrir um desses livros encontrou uma carta. Era de sua mãe - seu amo era o seu... pae. Por isso seu amo gostava de absynto. Talvez o remorso o impulsionasse por uma força subconsciente para aquella bebida da mesma cor que os olhos verdes daquella mulher que elle desgraçara.

Passou-se tempo. Jogado no mundo aos dez annos procurou trabalho. Um padreiro deu-lhe serviço, pão e casa. Nas horas que se seguiam ao trabalho de retirar o pão do forno dormia. Às vezes lia. Sua imaginação

As columnas d'"O Bisturi" serão franqueadas a todos estudantes das Escolas Superiores do Brasil que endereçarem suas collaborações para á Av. Dr. Arnaldo, 1, onde se acha installada a séde do Centro Acadmico "Oswaldo Cruz", ou entregarem directamente aos redactores deste periodico.

Todos os artigos deverão ser assignados: assim como assignatura não exclue pseudonymo, o pseudonymo não exclue a assignatura.

O autor, será responsavel pelas opiniões emitidas.

A publicação de artigos assignados não significa communhão de idéas entre a redacção e o autor.

Visita á Penitenciaria



Vê-se na photographia, em companhia do prof. Flaminio Favero, o grupo de quintanistas que visitou a nossa Penitenciaria; notem a cara triste do pessoal, pois o relógio gastrico batia nesse momento as badaladas do almoço...

ve no Centro Paulista. Em amavel palestra, acompanhada de saboroso café, poz o Centro ao seu inteiro dispôr.

Taes foram, em linhas geraes, os principaes trabalhos desenvolvidos pela representação do C. A. O. C. no Rio de Janeiro.

CONTO PROLETARIO

Eduardo Maffei

Chamava-se Abel. Em creança, quando dera pela sua vida, vivia num quarto de porão, da casa do seu amo. Contaram-lhe uma historia. Era um engeitado. Sua mãe, victima da moral burguezia, e escrava dos instintos andara de casa em casa e de porta em porta, sem que ninguem lhe desse abrigo. Ninguem sabia do seu sentimento de mãe. Era uma desvergonhada, falavam. A familia burguezia se revoltava, sem ir buscar a causa daquella pseudo-immoralidade na pessoa de um rico burguez que desgraçara. Disseram-lhe, muito mais tarde que a sua mãe era loira, alva e na hora da morte ainda os seus olhos guardavam o brilho penetrante de duas esmeraldas, que a tuberculose augmentára. Quando á encontraram, o engeitado estava enregelado e ella tinha nas mãos uma carta ao dono da casa: nos labios um riso de mofa para a injustiça dos homens. Desde então vivera em casa do seu amo. Mandaram-lhe á escola. Sempre fora um desgraçado. A professora chiq e elegante ensinara-lhe que se devia amar a patria e a familia. E a familia sobretudo porque ella era o esteió da patria. E ninguem o procurava porque elle não era familia. Porventura elle e sua mãe não constituíam uma familia? Sim. Mas sempre havia

procurou logo as coisas phantasticas. Leu então a "Machina do tempo" de Wells. O que o impressionou foi a luta entre os Eloes e Morlocks. Estes não passavam dos descendentes do proletario explorado de hoje. Aquelles eram os detentores da riqueza e do poder, especialistas em gosál-os. A burguezia de hoje. Em 1917 passava pela rua S. João e escondera-se atormentado pelo medo. Matracolejavam as metralhadoras. Depois... Muitos mortos sobre um cavallo, de botas e esporas um homem que lhe disseram que era quem garantia a ordem da sociedade collocando os seus soldados sempre ao lado dos homens que exploravam outros homens. Mas fizera aquillo por ordem de um outro homem, que era o presidente. Este comungava todos os domingos. Era uma perola, diziam os padres. Era muito religioso e sabia que numa ceia Jesus ditara uma vez aos seus discipulos o decimo primeiro mandamento: "Amái-vos uns aos outros como eu vos tenho amado". Um dia disseram ao engeitado que elle era explorado. Elle se revoltou. Então deram-lhe as obras de Marx, Engels e outros homens de super-visão e as leu. Capacitou-se que no mundo só haviam duas especies de homens: os que exploravam e os que eram explorados.

E o tempo continuou a rodar. Em 1930 fallaram-lhe duma revolução. Os amigos dos Morlocks tinham-se revoltado contra os Eloes. Luiz Carlos Prestes vinha na vanguarda. 24 de outubro. Novembro e dezembro. Capacitou-se então que Eloes não podiam comer Eloes. Passaram-se dois annos. Passava um dia pela cidade e duas moças, vestidas de branco e preto, labios vermelhos, olhos sensuaes disseram-lhe para que fosse defender "S. Paulo".

entregaram-lhe uma saia pequenina dentro de uma caixinha branca e preta. Mais adiante haviam uns mocinhos, muito bonitos, barbudos, de farda lavada e engomada.

Coitados! Apezar de doentes prestavam serviços no M. M. D. C. Eram os herois que ficaram em S. Paulo. Numa noite friorenta convidaram-no para ir ouvir P. R. A. X. que transmitia lindos discursos da Ditadura. Foi.

Anunciaram um orador. Paulista, amigo de S. Paulo e do seu operariado. Eis as primeiras palavras: "Proletarios, eu que sempre enverguei a vossa blusa, e trabalhei convosco"... Abel ri. Aquella voz lhe era conhecida. Era de um homem que só usava camisas e lenços de seda. Era um empregado publico que fora promovido de S. Paulo para o Rio. Morava numa casa bonita e quando lhe levava o pão sempre ouvia uns desaforos. Como as coisas estavam mudadas... Sahlui e encontrou com alguns camaradas. Desde esse dia militou. Pregava cartazes, boletins e bandeiras.

Prenderam-no. Meteram-no numa enxovia. Não comprehendeu a principio. Mas não era um paradoxo? Elles porventura não defendiam a lei e a liberdade? Depois conseguiu fugir. Continuou pregando cartazes, boletins, bandeiras. O frio, a falta de alimentos e sobretudo aquellas pancadas que lhe deram na cadeia, em plena caixa thoraxica resonante como tambor, tornaram-no um tuberculoso. Um dia houve um comicio. Não era 1.º de Maio. O operario não tem dia para fazer propaganda de sua liberdade. Todo dia é dia. Fallava nessa occasião um orador. Eis que ha um reboliço. O orador cahe banhado em sangue por uma

Canção do Badalo

(Do livro "SONETOS" a sahir daqui a 2.000 annos)

I

Não chores "badalo";
Não chores que a vida
E' luta renhida;
Viver é "cavar"
Se o estudo é um combate,
Que aos "fundos" abate,
Ao "aço", ao "badalo",
Só pode exaltar.

II

Um dia "cavamos"!
Aquelle que é "aço"
Não teme um fracasso
(Do exame ir "ao páu")!
E mesmo sem luxo
Tem certo um "cartucho"
Com todos os lentes,
Bondosos os máus.

III

O "fundo", ao "badalo"
As notas inveja,
Por vel-o no exame
Todo adulator.
Até os assistentes
Nas aulas mais "chatas"
Curvadas as frentes
Escutam-lhe a voz.

IV

Badala si em aula,
Si em ferias, descança,
Na doce esperança
De um anno feliz.
Cuidando do estudo
Badala, comtudo
Não tujas da "bomba"
Que "bomba" ha de vir.

V

E, pois que és badalo,
Teus brios reveste;
N'um "sinus" nasceste.

Badalo serás.
Durante a aula toda
Sorri para o lente,
Pois que elle contente,
Boa nota terás.

VI

Tua fama de "aço"
Retumbe aos ouvidos
Dôs lentes transidos
Por vil commoção;
Por isso na sala
Ou laboratorio,
Serás o exemplo
Da badalação.

VII

Assim os assistentes
De um grande cientista,
Querendo um exemplo
De "aço" dizer,
Teu nome lhes diga,
Que a turma do Artigas
Talvez não escute
Sem rir a valer!

VIII

Porém, se a fortuna
Trahindo teus passos
Te arroja nos laços
De um máu professor,
Na hora do exame
Teus "feitos" memora,
Toma "badalina"
Com todo o fervor.

IX

As armas ensaia.
Penetra na aula
Do "Fungo" ou do "Fóca".
Viver é "cavar"
Se o estudo é um combate,
Que aos "fundos" abate,
Ao "aço", ao "badalo"
Só pode exaltar!

DURAN.

DURAN: — Poeta épico do seculo XXXV A. C. Parente em linha curva de MATHUSALÉM. Autor de uma série de poemas entre os quaes o celebre poemeto em 458 cantos: "CORTE EM QUATRO E PENDURE". Formado pela Academia do Abax'o Piques, onde apresentou a thése: "ENCERAMENTO DO ASSOALHO DO QUARTO VENTRICULO COM CÉRA DO OUVIDO" o que lhe valeu ser nomeado 1.º assistente de Juó Bananére.

SOCIAES

Como é do dominio publico, a séde de nosso Centro foi visitada ha dias por 3 terriveis meliantes que mais tarde soubemos serem Tito maluco, Hugo da Stronja e Cardoso o saltador, os 2 primeiros com varias passagens pela secretaria da Escola e fichas annotadas na Medicina Legal. Serviu de vigia emquanto se consumava o horrendo crime, o conhecido menino-athleta Claudino Pitóco. Os criminosos com a habilidade infernal que os caracteriza, introduziram-se na nossa séde por uma porta que estava apenas encostada. Apoderaram-se do valiosissimo busto do finado Dr. Vieira de Carvalho e de 4 custosas taças de fino labor, esportivamente conquistadas ha muito tempo, num belchior da cidade. Transportado o fructo do furto para a Stronja (vehiculo amphibio do bandido Hugo) os fascinoras tomaram rumo até hoje ignorado. Logo após a descoberta desse acto de vandalismo, recorreu o C. A. Oswaldo Cruz aos serviços technicos do Departamento de Medicina Legal. Esse departamento veio pressuroso e encheu a sala refinada de fino carvão medico-legal. Retiradas mais de 1.000 impressões digitaes, chegou o corpo legista á conclusão de que o assaltante era o sr. Paulo da S. Gordo sobrinho do busto e nosso presidente. Porém o vice-di-

to, sr. Paulo Camargo tendo notado que nas paredes um grande numero das impressões digitaes estava a pequenissima distancia do sólo, attribuiu muito sabiamente esses signaes ao menino Claudino que como todos sabem é de reduzida estatura apezar de muito forte.

Baratinada habilmente, ingenua criança ainda não de toda corrompida pelos bandidos, contou na integra o repulsivo attentado assim como o nome dos autores. O sr. Paulo Gordo recebeu sinceras felicitações por se vêr livre do erro judiciario que já se esboçava ameaçador para sua olympica frente. O sr. Paulo Camargo foi bastante cumprimentado pelo seu furo policial. Voltando a alegria a reinar entre a massa olygarchica que governa nossos interesses, dirigimos um cordial agradecimento ao Departamento de Medicina Legal pelos relevantes serviços prestados durante os angustiosos transes passados pelo Centro Academico O. Cruz.

Podemos garantir que o busto do saudoso professor voltará inteiro para o nosso convivio como as taças cujo valor real foi uma decepção para os 3 malandros.

Durante a ausencia do monumento,

um volumoso vazo de prata falsa occupará o pedestal vazio.

Os fascinoras serão ameaçados de expulsão.

O menino Claudino por ser o menos culpado será apenas admoestado severamente.

Metchnikoff.

REFUTANDO...

Tive o desprazer de lêr no ultimo "Bisturi" do semestre passado uma série de diatribes e injurias assacadas contra os annaes de nossa Escola. Ora, a materia dessa obra nada mais é do que o producto da actividade annual de nosso corpo docente. Portanto desfazer dos annaes é por em suspeita capacidade scientifica do professorado desta Faculdade.

Mas não será esse acervo de idiotices que irá por em duvida a competencia de nossos mestres, competencia essa por todos reconhecida no paiz no estrangeiro.

Ergo aqui porém o meu protesto contra o inqualificavel procedimento desse ou desses individuos que debai-

Athletismo

CAMPEONATO ACADEMICO DE ATHLETISMO

Um dos mais notaveis acontecimentos do anno athletico foi a realização do Campeonato Academico de Athletismo, disputado pela 6.ª vez nas pistas do Paulistano.

Alcançou um completo triumpho, já pelo ardor verificado, já pelos optimos resultados technicos assim como a agradável torcida entusiasta em sua grande parte de elemento feminino.

Além das nossas escolas superiores, concorreram duas do Rio de Janeiro: a Faculdade de Medicina e Escola Polytechnica, com perfeitos atletas, que vieram dar mais animação á lucta.

Nada menos de seis recordes da classe foram admiravelmente batidos. **Icaro de Mello**, pertencente á Escola Polytechnica de S. Paulo, no salto de altura bateu o recorde nacional com 1,870.

Farid Chede, da Faculdade de Medicina de S. Paulo, bateu o recorde dos 1.500 metros em 4',23" e 4/10.

Heitor Medina, da Fac. de Medicina do Rio, arremessou o dardo a 54,860, batendo o recorde da classe.

Carmine di Giorgi, pertencente á nossa Escola Polytechnica, bateu os recordes do peso com 13,070, do disco com 37,490 martello com 52,620.

O titulo de campeão de 1933 foi brilhantemente conquistado pela Escola Polytechnica, cujos elementos conquistaram lugar de remarcado destaque. Seguiu-se-lhe a turma da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro, com turma das mais adextradas. O resultado geral desse torneio foi o seguinte:

1.º — Esc. Polytechnica de São Paulo, com 45 pontos.

2.º — Fac. de Medicina do Rio, com 22 pontos.

3.º — Fac. de Direito de S. Paulo, com 21 pontos.

4.º — Esc. Superior de Mechanica Electricidade com 14 pontos.

4.º — Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, com 14 pontos.

5.º — Fac. de Medic. de São Paulo, com 13 pontos.

6.º — Mackenzie College, com 9 pontos.

7.º — Polytechnica do Rio, com 5 pontos.

Como vemos a nossa Escola muito tem que fazer ainda no Athletismo, esperando-se que com a inauguração de nossa pista possamos para o anno proximo levar uma turma bastante adextrada e mesmo concurrente sério ao titulo de campeão.

do anonymato procuraram conspurcar nosso trabalho scientifico annual.

Acho que todos os individuos que pensam commigo, devem admirar a attitude nobre dos professores directamente atacados, impassiveis ante os desmandos desses inconscientes. Usarei por rminha vez de pseudonymo para que (servindo-me de uma phrase d'aquelle infeliz artigo) não "seja acويمado de bajulador". Em outra circumstancia poria no fim do artigo por extenso, o meu nome que neste não apparecerá com um intuito nobre.

O mesmo não poderá dizer os factos daquelles improprios, que debaixo dos nomes de 2 grandes homens procurou se eximir do justo castigo que merecia seu gesto tão pouco nobre. Errou elle 2 vezes pensando que os professores criticados iriam se rebaixar a dar attenção áquelles ultrages, sou novato na Escola mas tenho consciencia do respeito devido aos superiores e por isso espero pelas columnas deste jornal uma resposta (si fór possivel haver) desse ou desses individuos.

Um 1.º annista.

Bibliotheca medica

Recebemos ha dias o valioso trabalho do conhecido cientista americano S. Fields, intitulado: "Prophylaxia do botulismo pela abstinencia de conservas em latas".

Esse estudo ainda que bem feito apresenta trechos da mais alta ousadia como podemos verificar pelo que segue "... Quasi todas as conservas ao serem acondicionadas levam consigo o bacillus botulinus. O que acontece geralmente, é a fermentação dentro da lata, dos hydratos de carbono por conta da citada bacteria. A pressão interior augmentando, a lata bombêa. Si o individuo abre-a e logo depois come o conteúdo, nada lhe succede porque o bacillo não poude preparar a toxina. Si porém o negociante vendo o acondicionamento abaulado, faz nele um furo para igualar a pressão interna com a externa, o botulino em contacto com ar produz a botulina — e o comprador será fatalmente envenenado".

Segue-se uma série de observações clinicas do autor procurando demonstrar com a crueza dos factos o que reprodizimos de seu trabalho.

Essa parte si bem que notavel é passivel d'uma ligeira critica a um pequeno erro que o sabio americano cometteu.

Como todos sabem, o b. botulinus é um anaerobio estricito. Eis que S. Fields affirma no seu trabalho e já o disse n'uma aula da Faculdade de Medicina de St. Paul city na America, que com a lata fechada o dito bacillo fermenta os hydratos de C. mas não produz a toxina. Admittamos.

O que é admiravel é a formação da botulina pela entrada de ar no recipiente. Espantou-me bastante a idéa de um anaerobio estricito só poder elaborar seu producto toxico em presença do ar que fatalmente deve matal-o ou na melhor das hypotheses inhibil-o. E' mais facil admittir que o cadaver do anaerobio se transforma na botulina. O sr. Fields adquirirá fatalmente, com a divulgação de suas idéas sobre os enlatados, a inimidade dos grandes fabricantes de conserva. E' natural pois que a presença do botulino nesses productos, só se poderá explicar por descuido nas fabricas. Acho tambem que a abstinencia de conservas poderá servir para a prophylaxia do bolso (ellas andam muito caras) mas não para a do botulismo.

Afóra esses pequenos senões o estudo do notavel microbiologista é optimo.

Botulino.

PAGINA LITERARIA

Mulhersinha... e outros titulos

BOHEMIOS EM FÉRIAS

MULHERSINHA

Ella é quasi moça. Mas seus gestos, seus modos estouvados, demonstram bem a sua juventude em botão. Creança, ignora tudo do mundo. Faz uma idéa linda da vida; que tudo é bom, que tudo se consegue para a satisfação dos nossos desejos. Acredita até que os sonhos se realisam...

Como é bom conversar com ella. E admirar o seu riso que produz toda a alegria da sua alma e a ignorancia do seu coração. E ouvir a sua voz, que dá corpo ás suas idéas illusorias que têm de realisar-se cathegoricamente.

Sinto-me bem, perto della. Começo até a acreditar nos sonhos que nunca se tornam realidade e na esperanza que é sempre uma mentira bondosa...

Que bom ouvir-lhe a historia dos seus desejos.

Ella quer tanta cousa... Quer até, si for possível, ser artista de cinema.

Suas mãos fazem gestos grandes, quando fala na felicidade, como já querendo agarral-a...

Que tolinha, quer apanhar a felicidade.

E' porque não sabe que já a possui. Ignora que a felicidade está morando com ella; está no seu olhar, no sorriso claro e enchuto de lagrimas dos seus labios...

Ella é maravilhosamente ingenua. Nem sabe ao menos que é feliz.

Nem sabe ao menos, menina-quasi-moça, que toda a felicidade é a sua ignorancia do mundo, das esperanças e dos sonhos.

Quando ella ficar bem moça, e os seus olhos ficarem pisados pelas longas vigílias de noites contemplativas e a sua bocca endurecer no riso da ironia; eu terei saudades do sorriso claro e bom dos seus labios e do brilho incomparavel dos seus olhos, quando ainda não sabiam estampar as amarguras e reproduzir as tristezas...

* * *

SI SOUBESSE...

Eu queria que você pudesse me entender um pouquinho. Um pouquinho só.

Mas você não me entende. Não sabe que eu gosto de você. Não sabe que toda a minha indiferença é fingida.

Si você soubesse um dia, que dentro dos meus olhos, minha alma se debruça toda, para a sentir bem pertinho de mim. Si soubesse que meu coração bate devagarinho para não encobrir a melodia deliciosa da sua voz...

Eu queria que você soubesse de tudo, sem que eu contasse.

Querida que você adivinhasse todas as cousas que trago bem escondidas no fundo do meu sentimento.

Querida que você adivinhasse... Para que? Não sei!

Com certeza... talvez... Mas para que dizer?

* * *

QUANDO VIERES...

Quando "vieres", eu pensava. Quando "vieres" deliciosa e boa para deslumbrar a minha alma desencantada. Para me fazer pensar que a vida toda que eu vivi, não foi sinão, uma grande espera ansiosa de ti.

Quando "vieres", eu pensava. Quanta cousa bella eu lhe direi. E o meu jardim encher-se-á de flores. Porque has de vir na primavera. Só na primavera devem chegar as lindas cousas desejadas. Porque só a primavera é capaz de tornar tudo bonito para quando "vieres"

DE GIL SPILBORGHS.

Quando "vieres", eu pensava... quando "vieres"...

Mas não vieste até hoje! Não vieste!

A primavera já muitas vezes arreventou em gottas de sangue pelos jardins, em rosas encarnadas. Já cantou pela garganta de crystal dos passaros, já se transformou em ouro pulverizado pelo ar, no pollen das flores, já reverberou luminosa nas azas das borboletas...

Quando "vieres", eu pensava... Quando "vieres"...

Mas até hoje, não quizeste vir.

Para quando te desilludires...

Versos de GIL SPILBORGHS.

Quando um dia, esquecido o meu amor,
tu fores radiante pela vida em fóra
pisando corações, indiferente á dor ...
Lembra-te de mim numa passageira hora
em que felicidade, sem saber te fira,
mostrando na illusão fundo da mentira!

Então, pensando em meu amor, arrependida,
has de sentir, que em toda a tua vida,
correndo atraz inutilmente da ventura
querendo ser feliz, sem ter sabido
que eras, tinhas sido.

ROMANTISMO...

Preambulo — Todos têm o seu dia de romantico. Ou a sua época. A's vezes, grande. Outras, pequenas. E' natural e é humano. Não o digo assim para me defender. Não. Também tive a minha época. E hoje é o meu dia. Aproveitemol-o. Elle é bom e é sincero. E' ingenuo e creança. E tem a alegria das manhãs claras e de sól.

Um pequeno romance de amor. Quem não o teve aos 16 ou 19 annos? Quem não o tem ainda?

O meu passou. Não sei quando. Sei-o, sim, não o quero dizer, decerto. Adorei-a quieto e calado. E ella, talvez nem pense nisso hoje. Ella, com um E bem maiusculo, bem visivel. Amei-a, parece. Hoje, sinto saudades enormes. E aquellê amor ficou lá atraz, lá longe...

Mary-Ann,

Minha querida.

Está uma manhã linda. Muita luz e muito azul. O céu está tão longe, como você.

Eu estive lendo um pouco. E não pude resistir á lembrança de sua silhueta nas folhas do meu livro. Fui buscar um seu retrato. E cheguei-me á janela.

Você está tão linda com o seu chapéo de rendas. E os raios do sol daquela manhã, coaram-se atravez da renda, e deixaram uma porção de pintas no seu rosto, no seu vestido. Qual era a cor do seu vestido? Azul? Ah! sim era branco o seu vestido. Você m'o disséra um dia. Eu gostava muito de ver v. vestida toda de branco. Ficava muito bonito com o azul do céu.

E eu não vi o seu photographo. Fico pensando que você sorriu para elle. E que elle também lhe sorriu. Foi isso vardade? Elle devia ter achado v. uma menina muito linda.

Guardei o seu retrato. Lembrei-me daquelle dia num cinema... você deixou sua mão cair sobre minha mão com tanta força! Fiquei assustado, creia-me. Aquelles passeios de bonde e

A Universidade fechára as portas, para commemorar o ultimo suspiro de um cientista importante. E, aproveitando a folga, alguns estudantes se reuniram no "bar", logo ao anoitecer. Então, o thema da conversa foi recahir inevitavelmente sobre mulheres, terminando nos mais exasperantes quolibets deste mundo. Depois, exgotadas as manifestações do instincto, não houve remedio senão recorrer á critica livre, que nelles sempre encontra largo terreno para se expandir.

Entre elles, o que mais fala é um individuo de voz estridente e pouco

agradavel. E' grosseiro, sem ser estúpido; nos seus brutaes disparates, não chega ao ridiculo, pois ha nelles um laivo de ironia. Fére e dilacera, mas não aprofunda nas suas offensas. Tem muito de Voltaire e pouco de Erasmo. Mordendo um cigarro de palha, clama contra a Historia e a Politica; quer destruir o Homem e a Raça; quer reformar; quer novidades no Seculo:

— Desviemo-n'os da mentalidade fossil dos nossos mestres, diz elle. Destruir, destruir, reformar, reformar: eis a salvação do mundo...

E, sem medir consequencias, solta uma torrente variada de palavras, desconexas e incoherentes, ferozmente severas e dulcissimas, emquanto a cinza do cigarro rola negligentemente pela sua roupa descuidada...

Por fim, ha quem queira dár-lhe apoio e parece embeber-se das suas idéas extranhas e desenhadas.

E' um rapazinho de olhos vivos, baixo a ponto de mal alcançar a mesa; musculosos e cheios, seus hombros se estendem em grande largura. Começa a falar, erguendo a cabeça para ser ouvido, batendo fortemente na mesa com o braço curto, mas vigoroso. Com mais sobriedade e reflexão, mas não deixando de exaltar-se, sustenta as idéas do companheiro, apresentando soluções para a "salvação", baseando-se na destruição total, e na queda de todas as instituições sociais. E accrescenta, com um sorriso sensual:

— A mulher moderna evoluiu: actualmente, faz tudo ás claras.

Houve quem lhe respondesse, com solemnidade proverbial:

— Evolução social e regressão moral...

Quem isto disséra, estava ao lado. E' elle uma especie de "Accacio", muito finamente vestido, pelle branca e tenra; o labio superior se contráe de um modo todo especial, quando pronuncia os "s" Mas sua dicção não deixa de ser magnifica, ponderada, apesar da vaidade que lhe dá um ar pateta. Mexe-se como um lindo boneco de cera.

Ha agora uma exaltação. Trata-se de saber se a moral é ou não é feita para a sociedade. De vez em quando, na discussão, no meio daquelle tempstade de egoismos inconscientes, sobresae-se a risada estrondosa de um moço gordo, de bonitas feições. Vieram os reaccionarios; vieram os conservadores: os neutros; os despreocupados e os galhofeiros. Em dado momento, porém, silenciaram. Foi quando alguém gritou:

— Poeta! Poeta!

Na entrada do salão estava um sujeito alto e esguio, de triste pallidez. Nos seus olhos, além da côr, havia qualquer coisa de sombrio. Elle nada diz; entretanto, parece estupefacto em face da realidade tão cruelmente repentina... Estrepitam gargalhadas dissonantes. Fazem-lhe perguntas obcenias... Chamam-n'o "tonto" e "escriptor de besteiras"... Depois, desfazem tudo, convidando-o á meza. Melancholico e sempre concentrado, elle accede:

— Schizoide... murmura alguém.

* * *

Apagaram-se as luzes; não ha mais ninguem no "bar"...

* * *

No dia seguinte, a Universidade abriu as portas. Ha silencio pelos corredores... Todos aquelles typos polymorphos e complexos estudam silenciosos sobre um mesmo cadaver, extendido numa fria mesa do laboratorio da escola.

G.

C. J. Carneiro.